



TRANFORMAÇÕES DO FENÔMENO DA POSSE: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE A COMUNICABILIDADE COM OS ESPÍRITOS ENTRE UMBANDA E ESPIRITISMO NA CIDADE DE DOURADOS – MS (1976 a 2010)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3505

Ana Maria Valias Andrade Silveira, UFGD

Resumo

O objetivo desta pesquisa é compreender o processo histórico do fenômeno da possessão entre as religiões Umbanda e Espiritismo considerando que, tal fenômeno será privilegiado a partir de um contexto dialógico e relacional entre tais modalidades, no período entre 1976 a 2010, buscando apreender através da representação do passado no presente, as transformações que tais práticas sofreram, bem como seus elementos diacríticos. Para tanto, cabe investigar o processo histórico que envolve uma casa religiosa que tem em suas práticas elementos da Umbanda e do Espiritismo dialogando nas atividades desenvolvidas. Em hipótese, as transformações do fenômeno da posse ocorrem na concretização efetiva do diálogo e aproximações que o cenário empírico apresenta. Compreender a natureza destas variações é um caminho para efetivar o aspecto transformador do diálogo e suas potencialidades a formação de novos universos das correntes das novas espiritualidades. Esta análise etnográfica irá se constituir através da oralidade nas entrevistas que serão documentadas, nas observações através da experiência de campo a partir da convivência na casa religiosas, e também documentos como: a ata de fundação da Casa Movimento Espírita Francisco de Assis, em que constam os objetivos fundamentais da criação institucional, suas diretrizes que contribuem ao entendimento a partir do que foi fixado inicialmente aos elementos transformadores os quais se pretende apreender nesta pesquisa.

Palavras Chave:

Diálogo; espíritos; transformação; transcendência.

Introdução

Este artigo tem por objetivo explorar o caráter reflexivo da prática do fenômeno da posse. Tendo como ponto de partida o lugar ocupado por aqueles que buscam conectar-se com o sagrado, ou até mesmo, deuses por intermédio de seus corpos. Estes corpos pairam sob várias roupagens as quais já se possui alguma noção, devido a ligação que a possessão proporciona ao possibilitar uma relação com agências espirituais ou agências não humanas (LATOURE, 2012). Marcio Goldman se questiona diante das possibilidades de conceber a possessão de modo mais brando, ainda que priorize os indivíduos que partilham dessas experiências em campos da individuação do fenômeno (GOLDMAN, 2005). A problemática dos estudos do fenômeno da possessão percorre na persistência de analisar tal fenômeno de modo isolado e individualizante, ainda que, haja possibilidades de trazer este campo analítico a um campo relacional, trazendo as agências espirituais envolvidas como produtoras de “sociais” e construtoras de associações que vinculam humanos e não humanos. Estas reflexões não serão exploradas aqui, mas sim, demonstrando as lacunas as quais nos apresentam tais temáticas, é útil conferirmos o valor elementar do fenômeno da possessão de espíritos, como instrumento analítico que nos permite compreender as transformações dialógicas dentro do campo religioso mediúnico representado aqui pelas modalidades Umbanda e Espiritismo.

Logo, antes iniciarmos pensando nos elementos transcendentais que o fenômeno da posse é capaz de fornecer, é fundamental pensar, nas contribuições que esta prática nos apresenta nos campos ritualísticos de duas religiões mediúnicas: Umbanda e Espiritismo. Primeiramente porque, ao longo da história, desde o transplante do Espiritismo para o Brasil aos rituais mágicos praticados pelos negros

africanos (Religiões de Matriz Africana), há um elemento comum: a comunicabilidade com os mortos. Ainda que haja especificidades entre estas duas matrizes religiosas, ambas serão referidas dentro de um ponto de vista dialógico, em que, nenhuma, tão pouco a outra serão privilegiadas, pois ambas se encontram dentro de um conjunto contínuo, dialógico e complementar, tendo em vista o contexto fluido em que apresentam as práticas religiosas na atualidade, mas também devido a trajetória de pesquisa a qual este artigo se encontra vinculado.

A evidência de que a possessão é um elemento facilitador do trânsito religioso é uma constatação obtida durante pesquisa realizada entre os anos de 2012 a 2014. O objetivo foi descobrir quais eram os elementos fundamentais que viabilizavam a formação, entre duas casas religiosas especificamente, de um trânsito religioso que promovia relações dialógicas entre os elementos ritualísticos manifestados nas experiências religiosas dos sujeitos, e nas relações que se estabelecidas entre os grupos pertencentes às casas religiosas de matriz Umbandista e Espírita. Logo, o fenômeno da posse será analisado dentro de um campo dialógico produzido entre adeptos da Umbanda e Espiritismo a partir de um trânsito religioso, fazendo com que tais modalidades se aproximassem num contexto complementar.

Transformações Epistemológicas do Fenômeno da Posse

Os intelectuais representam a possessão inicialmente a partir de uma explicação reducionista, vista de modo externo. Esta afirmativa vai de encontro daquilo de Marcio Goldman vai problematizar questionando se não haveria um modo de tratar o fenômeno da possessão menos como um fato brutal e até mesmo brusco, que individualiza isola aqueles que dela produzem

experiências, e mais como algo que, ainda que exterior possa estar conectado, tendo em vista as possíveis conexões que a estrutura do culto e da possessão são capazes de oferecer. A possessão foi analisada sob dois aspectos fundamentais, que contribuíram para o início de uma formalização epistêmica da posse, tais aspectos estão relacionados ao ponto de vista biológico e sociológico (GOLDMAN, 2005)

Nas linhas dialógicas do campo da medicina e a sociedade abrangente, os estudos de Raimundo Nina Rodrigues sobre os Negros africanos que residiam no Brasil foi um trabalho pioneiro que, dentro do contexto histórico, apresenta contribuições devido à disposição do autor no interesse pelos negros, suas crenças e seu modo de vida. No entanto, suas orientações médico-científicas produziram grandes impactos as representações dos negros naquele período histórico, devido a condição em que estes foram estudados pelo autor. A demonstração analítica do autor apresenta elementos que inferiorizam e apontam suas práticas rituais mágicas como algo a ser encarado como um problema de cor vinculada a doenças mentais. O fenômeno da possessão é visto como uma manifestação anormal sob um período curto de alienação aliado a crenças em fatores sobrenaturais ligados a condição bestial da raça negra, por isso, seu trabalho esteve sempre vinculado ao olhar racista e positivista vigente em sua época.

A possessão é vista como um estado sonambúlico em alternância a personalidade do indivíduo a personalidade do santo. A natureza dos estados de transe ligados a doenças patológicas instrumentalizadas de acordo com o olhar psiquiátrico que caracterizava tendências históricas que condicionam a capacidade mental da raça negra. Sua visão biologizante do fenômeno da posse enfatiza o caráter dominante do autor sob seu objeto, os

negros focando no ato, sendo os acontecimentos circunscritos, negados (SERAFIM, 2010)

Outros autores seguiram esta mesma linha de análise da possessão, Arthur Ramos tece outras considerações quanto ao fenômeno considerando que, estas manifestações estariam ligadas a outras naturezas de estados mentais que poderiam estar ligados a outros dispositivos desequilibrados da condição mental daqueles que viviam tais experiências. De modo geral, a visão que explora o aspecto biológico do fenômeno da possessão inicia-se com caráter de dominação contaminado pela orientação ocidental das minorias. Nesse caso, sendo este um ponto de vista do transe, trata-se apenas de uma torção que apesar de inicial, é importante refletir sobre as contribuições desta visão biológica no imaginário social sobre aqueles que a praticam e sobre a própria concepção do fenômeno, e até mesmo, em como lidar com tais presenças que se manifestam em contextos sociais das sociedades ocidentais em torno das práticas rituais que privilegiam a possessão como elemento basilar fundamental.

A perspectiva sociológica do transe propõe novas articulações que ampliam as possibilidades de conceber o fenômeno da posse. Influenciado pela concepção sociológica de Emile Durkheim, Roger Bastide aborda a religião elementar considerando que, o que caracteriza uma religião é o contato estabelecido com o mundo sagrado, das forças invisíveis, do sobrenatural, logo o fenômeno da possessão foi considerado um fato social. Esta afirmativa demonstra que, assim como esta pesquisa está buscando alcançar o entendimento da posse como uma mediação que articula e produz relações com o mundo das agências não-humanas. Esta proposta foi construída dentro de uma perspectiva dualista, em que o autor debruçou seu método de análise.

As torções que marcaram as

análises epistemológicas do fenômeno do transe caminham no sentido de incluir tais práticas dentro de um complexo social envolvente, tendo em vista as potências articuladoras da possessão e dos cultos que aderem tais práticas conexas à sociedade brasileira como um todo, sendo a possessão um instrumento para focalizar elementos importantes do campo religioso agências sociais, nesse sentido a possessão passa a ser vista como um processo dinâmico a partir das especificidades que marcam a produção da ideia de pessoa nessas religiões constituintes de elementos totêmicos e naturais (GOLDMAN, 2003). Esse fenômeno não deve ser pensado apenas do ponto de vista do indivíduo, mas, é importante pensar as condições que a possessão oferece para pensar campos de religiosidade singulares, como é o caso da Umbanda e do Espiritismo.

De um modo geral, a posse foi analisada a partir de categorias totêmicas. Goldman (2005) aponta o equívoco de Roger Bastide, em busca de esclarecer que as forças invisíveis que personificam as vivências da possessão no candomblé, denominados orixás, são naturezas cósmicas e não devem ser pensadas enquanto individualidade, mas sim, como agências espirituais que devem ser pensadas em sua complexidade de ação e relação com as agências humanas as quais mantém contato através de símbolos e sentido. Mas aqui, de modo específico, as forças invisíveis que se manifestam na possessão caminham por outro sentido. Trata-se aqui, de forças invisíveis humanizadas individuais que compartilham de estruturas humanas, ainda que estejam também dentro de um corpo social não humanizado.

Os impactos cedidos por tais individualidades são diferentes dos encontrados do candomblé. Pois na Umbanda e no Espiritismo não existe possessão e sim comunicação e relação em que o ser consciente e inconsciente transitam dentro de um sistema

complexo de tensões e cismas em busca de legitimação e sobrevivência. Quanto mais posse tiver o espírito comunicante maior o reconhecimento na Umbanda, quanto menos a posse de espíritos maior o reconhecimento no Espiritismo. Esta afirmativa vai ao encontro da ideia de que existem estados de transe dentro de uma alternância entre o total controle do espírito sobre o indivíduo e um mínimo controle que aponta maior autonomia do corpo diante da manifestação (DOUGLAS, 1970).

Aqui há mais uma torção da possessão, pois o elemento da posse ocupa um espaço a muitos evidenciados pelos intelectuais, trata-se de um sintoma patológico o qual está vinculado diretamente a um desequilíbrio do corpo e da mente do indivíduo, logo, a possessão é uma categoria negativa, e superá-la é uma evidencia de controle, domesticação e aceitação. No entanto, esta domesticação é mantida e continua e apresenta tensões de enfrentamento, pois, se de um lado ser consciente de si é positivo, por outro ser tomado pelo espírito de modo mais intenso envolve um fortalecimento confiante por parte dos adeptos.

As transformações deste encontro favorecem um apagamento diacrítico elementar dos rituais, foram justamente este os principais elementos que apresenta a pesquisa apresentada no ano de 2015. O diálogo complementar destas modalidades marca as relações sociais entre duas casas religiosas que se mantinham em percurso, logo, as conexões eram brandas e concebidas de modo cabível. No entanto, a comunicação com os espíritos, do ponto de vista performático esconde algumas tensões e necessidade de controle e permissão, soltar e segurar, conceder e domesticar, logo, esse apagamento diacrítico corporal do fenômeno da mediunidade pode ser um caminho para pensar se de fato o diálogo entre Umbanda e Espiritismo é mesmo tão

fluido como pensamos inicialmente.

A ideia de que a religião Espírita oferece transformações no cenário ritualístico da Umbanda, foi explorado durante os trabalhos realizados na investigação da relação dialógica entre duas casas religiosas, uma Umbandista e a outra Espírita. Assim, apesar de reconhecer a presença Espírita no interior da Umbanda (CAMARGO, 1961), a Umbanda também oferece subsídios consideráveis ao Espiritismo. A ideia não é discutir sobre as hierarquias destas interferências, mas sim, em como estes elementos conflitantes estão se apresentando, visto que, há um processo de apagamento, este apagamento afeta o fenômeno mediúnico, e as instancias em que estas tensões ocorrem é uma forma de compreender o papel da comunicação com os espíritos nesse processo. Esta hipótese é pensada a medida que acontecimento descontínuos marcam o processo de atividades rituais desenvolvidas (SILVEIRA, 2015).

Classificar a natureza da relação dos humanos com agências espirituais não humanas exige capacidade de distinguir e localizar considerando a existência de fenômenos intitulados possessão, transe, mediunidade, êxtase. Todas estas categorias possuem a mesma base elementar, mas, quando se adentra as especificidades do campo religioso é preciso priorizar os motivos os quais se utiliza determinados termos em detrimento de outros. Logo, Quando se trata da religião Umbanda e Espiritismo a mediunidade responde muito mais do que possessão ou êxtase, considerando o contexto histórico e a própria particularidade que estes grupos representam tal intermediação.

A maneira como o transe é visualizado dentro destas modalidades de culto revela que a estrutura social em sua abrangência enfatiza o transe mediúnico como algo perigoso, e que deve ser mantido e controlado. Esta ênfase revela a existência de variação do transe com

relação ao controle do comportamento do indivíduo e a articulação do social, demonstrando que se há, em maior e menor grau necessidade de regular as manifestações sociais de acordo com as estruturas formais, tais mecanismos reguladores também refletem na concepção da elaboração performática do transe mediúnico. Assim, quanto mais o modelo religioso se aproxima do espiritismo mais apagamentos manifestam-se na pratica do da possessão, denominada aqui, exercício mediúnico. Ao contrário, quando se aproxima mais de um modelo afro descendente maiores as marcas diacríticas dos arsenais simbólicos para preservar as manifestações características das divindades, o que exige uma presença da posse de modo mais emblemático e denso. Nesse sentido, a religião espírita tem papel fundamental.

O fenômeno da Posse no campo empírico

A partir deste tópico serão trazidas algumas referências do campo empírico que foi realizado durante a primeira vez em que esta pesquisa foi contemplada em análise. Este artigo é a resultante de reflexões em andamento sobre a prática da comunicação com os espíritos e o que sua manifestação transmite ao campo religioso mediúnico, privilegiados aqui entre a Umbanda e o espiritismo de um modo geral, tendo em vista que os diálogos traçados são evidentes e podem ser observados nas experiências individuais dos adeptos (SILVEIRA, 2015).

Este produto simbólico (a comunicação com os espíritos) era fornecido pelas duas casas analisadas na pesquisa, no entanto, apesar do fenômeno ser o mesmo, a aplicabilidade pragmática do processo da comunicação era diferenciada, e o mesmo fenômeno explorado sob técnica diferente. Na casa Espírita *Movimento Espírita Francisco de Assis*, a comunicação era aplicada dentro

de um padrão orientado pela manifestação religiosa Espírita, logo, a comunicação era de natureza informal, onde as pessoas acessavam o “plano espiritual” com a finalidade altruísta de auxílio mútuo, cujas interferências da vida cotidiana eram inexistentes, pois o objetivo era proporcionar esclarecimentos sobre o outro mundo.

Em contrapartida, esta comunicação no terreiro de Umbanda interfere diretamente na vida pessoal e cotidiana das pessoas, pois, naquele espaço, o objetivo é solucionar os problemas da vida vivida, envolvendo questões de ordem pessoal. Durante a realização do trabalho de campo, o fenômeno da possessão ganhou destaque na narrativa dos sujeitos durante a pesquisa e na experiência no campo etnográfico desenvolvidos na época. O que chama a atenção é que na casa Espírita a atividade em que acontecia a experiência da posse era um acontecimento coletivo e compartilhado por todos os envolvidos dentre eles: os médiuns que vivenciavam o fenômeno do transe mediúnico, os passistas, que também viviam o fenômeno mediúnico ainda que por outras vias de acesso as agências espirituais e os dirigentes responsáveis pela atividade que também vivenciam a experiência do transe mediúnico, mediando a presença de indivíduos de agências espirituais trajados por uma roupagem “fluídica” de caboclos, exus, pretos velhos, médicos e outros “mensageiros siderais”.

A experiência mediúnica na casa Espírita era realizada de modo coletivo, desta forma não havia privacidade alguma, o que fazia com que as pessoas se sentissem inibidas ao tratar das suas dores pessoais. Em contrapartida, a experiência mediúnica num terreiro de Umbanda configura-se sob outros moldes. Trata-se de atividades que priorizam a individuação do indivíduo, e o atendimento constituíam-se de modo particular, e não havia o

compartilhamento dos casos esporádicos dos adeptos com ninguém, a não ser com a entidade comunicante (Preto Velho, Exu, Caboclos).

A unidade da comunicação com as agências espirituais é elementar, no entanto a viabilidade daquilo que se comunica e do que se propõe a comunicar é que se apresentam as divergências. Logo, a estrutura do mecanismo da comunicação é regular, mas suas funções são totalmente diferentes entre si. Deste modo, é possível pensar nas complementaridades que ocorriam entre as casas, e que cada uma oferecia uma função para o transe mediúnico, logo, os adeptos visualizaram no percurso uma possibilidade de desfrutar de ambas as possibilidades favorecidas pela comunicação com os espíritos ainda que, cada uma a seu modo.

A partir da análise já realizada anteriormente, concluem-se que existe um trânsito, que interconecta as pessoas pertencentes às casas por linhas invisíveis, logo, estas casas não podem ser analisadas isoladamente, pois os sujeitos se movimentam num circuito. O reconhecimento da existência de uma rede que conecta casas e sujeitos denota a condição primordial desta análise. Estas casas são analisadas dentro de uma ideia relacional e contínua, onde uma estará ligada a outra de modo particular, haja vista as relações estabelecidas e já constatadas na pesquisa anterior.

A ideia da manifestação dos espíritos mediados pelo fenômeno do transe mediúnico foi um assunto comum entre os autores os quais a pesquisa entrou em diálogo. Através das conversas foi constatado que houve mudanças significativas na composição performática da posse sendo estas as portadoras da comunicação com os espíritos. Percebe-se claramente nas narrativas que anteriormente os espíritos se manifestavam nos médiuns de modo mais violento, e denso, em que recursos

materiais eram muito mais abalados pelos impactos da presença dos espíritos no corpo do indivíduo, do que nos dias de hoje em que há uma politização e um polimento, seguido de um apagamento das performances e dos impactos da presença dos espíritos no corpo dos médiuns.

Na década de 80, a casa Movimento Espírita Francisco de Assis foi fundada com um objetivo de unir elementos da Umbanda e preceitos espíritas nas atividades desenvolvidas nas casas. Naquela época a composição ritual das atividades apresentou uma presença mais marcante do perfil de um fenômeno de posse que mais se aproxima de um modelo ritualístico afro brasileiro.

Após algumas observações no campo empírico, foi constatado que o diálogo entre Umbanda e Espiritismo pode estar bem longe de serem como apareciam nas relações entre o grupo das duas casas, e assim, presenças de disputas poderiam estar muito mais aparente de modo específico nesta ideia que os autores sociais concebem com relação ao fenômeno do transe mediúnico.

De acordo com as narrativas e as apreensões do campo, a Umbanda esta sobreposta ao espiritismo dentro desta perspectiva do transe mediúnico. Ao contrário desta visão que demonstra que as mudanças que ocorreram na prática da possessão podem estar relacionadas a esta sobreposição de status que mais uma vez pode sinalizar que, o que foi dito sobre a estrutura social presente no arcabouço fundamental da doutrina Espírita como uma nova articulação do controle normativo, pode ser um caminho para compreender o processo histórico do fenômeno da possessão (CAVALCANTI, 2008). A umbanda é uma religião nacional consolidada a partir de um processo de urbanização da sociedade (ORTIZ, 2015). Logo, em sua própria constituição, a Umbanda vem se aproximando muito desta estrutura social conservadora preservada pela sociedade

branca.

O processo de embranquecimento que caracteriza esta passagem da Umbanda de matriz africana para Umbanda embranquecida com a implantação da sociedade regida historicamente pelas contraposições constituídas por negros e brancos. O processo de embranquecimento denota a influência do espiritismo na umbanda e a modalidade que mais se aproxima desta interferência é reconhecida como Umbanda Branca, e o processo de africanização refere-se à influência da Umbanda nas práticas espíritas. No entanto, a doutrina Espírita demonstra uma rigidez em evidenciar qualquer menção a estas influências no nome Espírita, logo, os praticantes do Espiritismo que recebem influências da Umbanda são reconhecidos pelo grupo como Espiritualismo, na tentativa de retirar qualquer possibilidade de apagar as características que envolvem o caráter normativo da religião.

Esta última colocação se reflete na característica singular da Casa Movimento Espírita Francisco de Assis. O grupo se denomina espiritualista, pois a casa não é federada a Federação Espírita Brasileira – FEB, tal evidenciação pode ser observada no próprio nome da casa religiosa. Normalmente as casas religiosas de matriz Espírita se intitulem como “Centro Espírita”, e não é o caso do MEFA, em que a ideia de “Centro” é substituída pela palavra “Movimento”, retirando assim as categorias que conectam com uma norma estipulada pela Religião Espírita. Nesse sentido, o termo espiritualista denota uma particularidade que amplia o quadro de possibilidades de relações possibilitando um diálogo entre a religião espírita com outras modalidades de culto, neste caso específico tal modalidade torna-se evidente com a presença da Umbanda nas atividades desenvolvidas na casa religiosa MEFA.

Esta constatação nos demonstra

que a religião Umbandista possui uma plasticidade dentro de um continuum religioso afro descente que pode caminhar desde uma modalidade de culto marcada pela presença africana até a modalidade embranquecida, o Espiritismo, perpassando assim por várias faixas vibratórias que irradiam elementos diacríticos de várias modalidades de culto, até mesmo as religiões ameríndias (CAPONE, 1988). No entanto, a religião Espírita não apresenta tais capacidades, sendo necessário que suas continuidades exigem correntes dissidentes que vem romper com um modelo ortodoxo da prática das atividades sem alterar suas fontes filosóficas e científicas que a ciência do espírito oferece. Neste aspecto não há um Espiritismo contínuo, mas sim, espiritualidades, espiritualismos contínuos e dissidentes.

Este fato ocorreu quando um grupo de Espíritas se rebelaram as exigências normativas que afetaram diretamente no exercício do fenômeno do transe mediúnico, e assim resolveram formar uma nova corrente que, ainda se utilizando de preceitos filosóficos e científicos, retiraram a legitimidade do caráter religioso do Espiritismo e seguem elaborando outros meios pragmáticos que aplicar e ampliar a ideia de espiritualidade. Esta corrente dissidente modifica o quadro dialógico da noção de espiritualidade, trazendo assim outros elementos que distanciam da religião mais se aproximam de outras formas associativistas (LATOURE, 2012) de lidar com o mesmo fenômeno que, antes era prioridade do campo religioso e hoje se mostra apto a entrar em diálogo com a bioenergética, terapias holísticas, psicologia, e a própria ciência positivista. Tal corrente é representada pela modalidade intitulada Espiritualidade Independente, configuradas nas chamadas novas espiritualidades e nova era. Um dos representantes destas novas espiritualidades é Luiz Antônio Gasparetto e Robson Pinheiro. (STOLL,

1998).

Considerações Parciais da pesquisa em andamento

A proposta deste artigo é apresentar as principais ideias de uma pesquisa ainda em andamento, para tratar de como estas transformações e conexões entre modalidades religiosas que possui um mesmo elemento, podem contribuir para refletir sobre o fenômeno da possessão, e em contrapartida, o que o este pode contribuir para a visualização a natureza deste diálogo, refletindo sobre seus aspectos positivos para o campo religioso de modo abrangente, mas também, refletir sobre a natureza conflitante destas lutas do campo de disputa, para detectar quais as válvulas que articulam ainda nos dias de hoje as fissuras que o diálogo entre a Umbanda e o Espiritismo é capaz de manifestar. Atualmente, a ideia de que as religiões oferecem um campo propício as trocas dialógicas, até mesmo na ideia de trânsito religioso, não pode nos deixar encantar. Assim, é necessário se atentar as fontes indiciárias que sinalizam a existência de conflitos, e uma forma de observar estas tensões, é compreender qual a função da religião, e até que ponto é somente neste campo que a religiosidade pode se manifestar, e se não podemos aludir possibilidades de um transbordamento para outras vias de acesso, que ampliam a ideia de religiosidade, e se esta poderá ser futuramente substituída por uma ideia de espiritualidade.

Contra-pondo-se a uma ideia de legitimidade e a evocação do contato com tradições ritualísticas, o que se percebe é um escoamento que articula a domesticação e o apagamentos dos sinais diacríticos que, em outras instâncias religiosas são utilizados como ato político de legitimação. Logo, um dos fatores os quais pretende-se refletir posteriormente com a execução desta pesquisa, é a natureza desta nova composição

intitulada nova era ou novas espiritualidades, colocando em evidencia reflexões sobre as limitações usuais da ideia de religião, tendo em vista que a prática da possessão poderá estar vinculada a outras bases fundamentais da ciência e das fontes terapêuticas de natureza holística. Sendo assim, o fenômeno da posse poderá estar hipoteticamente vinculado a outros campos que extrapolam a ideia de religião. Por isso, é fundamental verificar se há uma concretização de um campo de disputa, ou se o que existe são de fato uma inadequação do campo religioso as manifestações contemporâneas que colocam a relação entre humanos e agências espiritual um marco divisório da possibilidade de novas formas de conceber o fenômeno do transe, da possessão e mediunidade. Aqui se encerra as reflexões iniciais desta pesquisa ainda em andamento.

Referências

- AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. *A Mesa, o livro e os Espíritos: Gênese, Evolução e atualidade do movimento social Espírita entre França e Brasil*. Tradução: Glória do Amaral. Rev. Téc. Ivanilda de Gusmão Verçosa. Maceió – AL, **EDUFAL**, 2009.
- BASTIDE, Roger (1983). *Estudos afro-brasileiros* – Org. Maria de Lurdes Santos Machado. Coleção Estudos. São Paulo – SP, **Editora Perspectiva**, 1983.
- _____. (2016). *O sonho, o transe e a loucura*. São Paulo: **Três Estrelas**. 2016.
- BIRMAN, Patrícia (2005: 403-414). *Transas e Trases: sexo e gênero nos cultos afro brasileiros, um sobrevoo*. In. **Estudos Feministas**, Florianópolis, N.13 (2) Mai/Ago.2005.
- CAPONE, Stefania. *A busca da África no Candomblé: Tradição e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: **Pallas/Contra Capa**, 1988.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro (2008). *O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no Espiritismo*. Rio de Janeiro: **Centro Edelstein de Pesquisa Social**. 2008.
- DOUGLAS, Mary (1970). *Natural Symbols: Explorations in Cosmology*. London. Barrie & Rockchiff: **The Cresset Press**, 1970.
- GOLDMAN, Márcio (2005: 1-11). *Os tambores do antropólogo: antropologia pós-social e etnografia*. Ponto Urbe. Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da **USP**, Vol. 3, 2005.
- _____. (2003: 445-476). *Os tambores dos Mortos e os Tambores dos Vivos: Etnografia, antropologia e política em Ilhéus – B.A*. Revista de Antropologia **USP**. Vol. 46 (2), 2003.
- _____. (2017). *The Ontology of possession in Babia Candomblé*. *Latin American Studies Association. OAC Seminar*, 2017.
- LATOUR, Bruno (2002). *Reflexões sobre o culto moderno dos Deuses Fe(i)tiches*. Trad. Sandra Moreira, Bauru, São Paulo, **EDUSC**, 2002.
- _____. (2012). *Reagregando o Social*. Salvador: **EDUFBA**, 2012.
- LEVI-STRAUSS, Claude (1970). *O pensamento selvagem*. São Paulo: **Companhia Editora Nacional**, 1970.
- ORTIZ, Renato. 2015. *Universalismo e Diversidade: contradições da modernidade-mundo*. 1ª ed. São Paulo: **Boitempo**, 2015
- RODRIGUES, Raimundo Nina (1935: 1896-1900). *Animismo Fetichista dos Negros Baianos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Bib. Div. **Científica II**, 1935.
- SERAFIM, Vanda Fortuna (2010). *O discurso de Raimundo Nina Rodrigues acerca das Religiões Africanas na Babia do século XIX*. **Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá - UEM**. Orientação: Solange Ramos de Andrade, 2010.
- SILVEIRA, Ana Maria Valias Andrade. *Relações e Diálogos no Campo Religioso de possessão: Um estudo de Caso*. **Dissertação (Mestrado em Antropologia)**. **Universidade Federal da Grande Dourados**. Dourados: Ed. UFGD, 2015.